

DROGAS - LEGAIS E ILEGAIS

As drogas legais, aliadas ou não às drogas ilegais, constituem para os espíritos uma porta ~~parado~~ moral, sendo o homem - no caso de conhecer os malefícios do uso das drogas provoca - duplamente culpado, pela falta de coragem que demonstra diante das misérias e desgraças do mundo e pela animalidade do ato, ao agir por impulso, por dependência física e psíquica. É considerado mais culpado que tira a si mesmo a vida por desespero, porque tem tempo de pensar no que faz, "raciocinar seu suicídio" (Livro dos Espíritos, questão 952), tendo, portanto uma pena mais severa.

Seriam três os danos espirituais produzidos pelo uso das drogas:

- 1) A liberação do subconsciente, com lembranças distorcidas do passado, assim como danos nas estruturas espirituais que causariam - nas próximas encarnações - problemas inatos;
- 2) Criaturas desencarnadas podem sorver as baforadas de fumo e aspirar o hálito dos alcoólatras, já que estamos constantemente sob influência e proteção espiritual;
- 3) Energias 'bastardas' - influência de espíritos inferiores - podem penetrar nos buracos formados pelo uso de substâncias tóxicas ou narcóticas na aura que o homem encarnado possui como campo espiritual de defesa.

Do ponto de vista espírita, pode existir uma predisposição para o vício, caso o indivíduo, em vidas passadas, tenha sucumbido a ele. Ao renascer, o indivíduo pretenderia resistir a essa propensão, escolhendo um meio onde o vício poderia se desenvolver, pelo exercício da força de vontade. A dependência também poderia ser resultado da influência de Espíritos inferiores (que tenham sido dependentes e não se libertaram do vício).

Cedendo a influências ou impulsos, no entanto, a reencarnação possibilita ao indivíduo servir-se da vontade, para a libertação e o crescimento espiritual.

Suicídio

O suicídio voluntário é considerado, pelo Espiritismo, como uma transgressão da lei divina. O homem que é vítima do abuso de 'paixões', que ele sabe apressarão o seu fim comete também suicídio - o suicídio moral. Ele é mais culpado inclusive do que aquele que se mata por desespero, pois teve mais tempo de raciocinar. É o caso dos vícios, como a dependência de [drogas](#). O louco que se mata, não sabe o que faz e, portanto comete um suicídio involuntário.

A incredulidade, a simples dúvida em existências futuras e as idéias materialistas são os maiores provocadores do suicídio. A espiritualização de toda a sociedade seria o antídoto mais eficaz contra essa prática, por sua própria visão da existência, que compreende:

- 1) O homem não é apenas corpo físico, sua verdadeira essência é o Espírito;
- 2) O Espírito é criado por Deus, que criou todos com os mesmos direitos e deveres para progredirem e serem felizes;
- 3) Tudo o que colhemos é fruto do que plantamos - o sofrimento é resultado de nossos próprios erros presentes ou passados;
- 4) A reencarnação é excepcional oportunidade de crescimento - e Deus nos dará quantas oportunidades forem necessárias;
- 5) O tempo é benção máxima, capaz de resolver de forma eficiente, todos os problemas.

Buscar esse tipo de solução para qualquer crise, na visão espírita, é um meio equivocado, pois acaba trazendo ao suicida ainda mais transtorno. Depoimentos de espíritos que se suicidaram demonstram que seus problemas continuam depois da morte 'física', com agravantes.

A persistência do laço que une o espírito ao corpo seria mais longa, provocando a perturbação do espírito, que pensaria ainda estar entre os vivos. Esse estado de angústia poderia, em alguns casos, durar tanto tempo quanto a vida que interrompera.

A tendência para o suicídio pode ser reflexo de atavismo - a pessoa já o teria cometido em vidas passadas e agora ressurgiria essa inclinação - ou influências obsessivas, que induziriam ou incentivariam o suicídio. Confiar no Amor de Deus, na Caridade de Jesus - eis o meio mais eficaz para administrar crises, por mais perturbadoras que possam parecer.

Droga

Prosseguindo nas tarefas socorristas a que me afeiçoara no Plano Espiritual, acompanhei Calvino para serviço de emergência.

Enquanto volitávamos, atravessando faixas sempre mais densas, na direção da Crosta, Luciano e eu; recebíamos oportunos esclarecimentos do generoso instrutor:

- Em verdade – dizia bondoso – tanto o céu quanto o inferno da terminologia teológica, começam nos caminhos do mundo, em experiências diversas da criatura humana. Os vícios constituem, nesse capítulo, autêntico chamariz às quedas mais espetaculares no abismo da dor. Se o homem comum soubesse dos perigos a que se vê ameaçado constantemente, procuraria reunir todas as suas forças para libertar-se definitivamente das situações indesejáveis. O vício, em boa sinonímia, quer dizer hábito destrutivo. Toda cautela possível no comportamento diário é necessária, para que a criatura eduque-se cada vez mais a caminho da paz e da tranquilidade. Um grande incêndio pode ter início num simples palito de fósforo.

A esta altura adentramos região de trevas, onde tivemos de dinamizar nossas vibrações individuais, projetando discreta claridade no ambiente.

Nesse exato momento visualizamos um jovem em lamentável situação de angústia e dor.

Muito serenamente, Calvino informou-nos:

- Este nosso irmão vive nestas condições, conflitado e demente, há três anos, jamais faltou-lhe assistência de benfeitores dos Planos mais altos, dentro dos limites estabelecidos pela Lei, contudo, só ultimamente tem conseguido registrar vibrações superiores.

O rapaz, que se chamava Albertino, gemia como se sofresse doloroso pesadelo. Sua expressão facial traduzia desespero e pavor.

Calvino, afavelmente estendeu as mãos sobre o doente ao tempo em que pedia nossa colaboração por meio de prece silenciosa e foi então que percebi que o moço passava a respirar mais facilmente, demonstrando alívio.

Em seguida, o mentor esclareceu-nos:

- Estamos diante duma vítima do tóxico. O problema é delicado e exige de nós o máximo de compreensão. Albertino deixou o plano físico com a idade de vinte e seis anos, após insuflar nas artérias excessivas doses de cocaína. Viciado fazia mais de oito anos, vinha paulatinamente degenerando seu organismo, com graves distúrbios no campo psíquico.

Sem que me pudesse controlar ante a inusitada experiência, levantei uma questão:

- O tóxico, além de alterar a saúde física, abala a estrutura íntima da alma?

O orientador, pacientemente, explicou-me:

- A droga lembra o cupim, animáculo que corrói madeira, causando quase que ocultamente danos irrecuperáveis. Inicialmente o indivíduo invigilante ingere pequena dose, sem atinar para as conseqüências do ato praticado. Em seguida outra e mais outra. A progressão das doses e o uso variado do alucinógeno, estabelece a dependência que em si representa não apenas problema fisiológico, mas sobretudo, espiritual, deteriorando continuamente os centros vitais magnéticos.

Todo o sistema nervoso é atingido juntamente com o aparelho circulatório, respiratório e região gastrintestinal. A essa altura são igualmente prejudicadas as glândulas sudoríparas e endócrinas. Os neurônios, células delicadíssimas do cérebro, passam também a desgastar-se e conseqüentemente se estabelece o enfraquecimento da vontade, apesar de toda a reação dos anticorpos nos mais diversos setores da fisiologia.

Foi nesse ponto das considerações altamente valiosas que formulei outra pergunta:

- E o problema obsessivo, onde fica?

- As atitudes da pessoa - elucidou gentilmente - tem sempre repercussão no plano invisível. As boas ações encontram ressonância nas faixas elevadas, enquanto as más buscam sintonia com as sombras, isto é, com as zonas da ignorância e do sofrimento.

Após ligeira pausa, prosseguiu:

- Considerando a circunstância, devo dizer que a pessoa a quem prestamos amparo neste momento, está ligada por vigorosos laços magnéticos a entidades sombrias, desde os seus primeiros passos na ribanceira do vício.

O instante era grave. O serviço exigia nossa melhor atenção, portanto, calei minha curiosidade científica, enquanto, obedecendo ao orientador, voltamos às aplicações fluídicas, visando a recuperação de Albertino.

(extraído de "Novas Luzes", dos espíritos André Luiz e Hilário Silva, psicografia de Ariston S. Teles, edição LIVREE, págs. 101-104)